



## “O QUE CHAMAM DE AMOR, NÓS CHAMAMOS DE TRABALHO NÃO PAGO”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

RAQUEL PERES MACÉDO<sup>1</sup>; LETÍCIA MARIA PASSOS CORRÊA<sup>2</sup>;  
SÔNIA MARIA SCHIO<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – raquelmacp@outlook.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – leticiampcorrea@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – soniaschio@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Na introdução de seu livro *Ensinando a transgredir: A educação com prática de liberdade* (2017), a intelectual feminista negra bell hooks expõe corajosamente o sofrimento que a atingiu quando soube que seria efetivada ao cargo de professora do Departamento de Inglês do Oberlin College. Suas angústias assentavam-se no determinismo cruel que assombram mulheres - especialmente às que estão localizadas nas encruzilhadas das avenidas identitárias de raça, classe, posicionamento global, geração e demais marcadores de opressão (AKOTIRENE, 2019) - quanto ao seu existir laboral no mundo: o cuidado, a terceirização do serviço doméstico (delegado preferencialmente às mulheres não-brancas) e o magistério. Somente depois de dedicar-se a elas sem suprimir suas feridas, a autora acolheu que sua paixão e compromisso com a educação transcendiam essas imposições.

O relato de bell hooks soma-se à sua grandeza política, teórica, pedagógica e intelectual por, mesmo abraçando a sala de aula, expor que a inferência do ato de ensinar como uma atividade essencialmente destinada às mulheres, traz consigo imperativos carregados de problemáticas sociais.

A respeito da sociedade brasileira, Vianna (2002) apresenta as incongruências presentes no âmbito docente baseadas nas concepções de feminilidade e masculinidade que permeiam o imaginário social brasileiro. Sendo assim, parte do pressuposto de gênero como uma categoria analítica das relações de poder que determinam dinâmicas desiguais na sociedade e, portanto, no ensino.

Ao longo de todo o séc. XX, com as escolas domésticas, as de “improviso”, a expansão do ensino público primário – essa em especial, afinal foi um dos fenômenos que atingiu a América Latina em decorrência das profundas transformações sociais, demográficas, políticas e econômicas do final do séc. XIX e início do séc. XX - o abandono progressivo dos homens da sala de aula quanto professores e outros acontecimentos, houve a consolidação da docência (em nível básico) como uma atividade laboral destinada às mulheres. Entretanto, apesar de todo esse processo histórico de (re)alocação das mulheres no mercado de trabalho, como professoras, as análises centradas nas relações de gênero sobre o magistério, são recentes.

Focando quase que exclusivamente as tensões de classe, os estudos sobre os conflitos étnico-raciais, geracionais e de gênero, ficaram relegados a comentários dentro das pesquisas sobre a educação brasileira até meados dos anos 80 (VIANNA, 2002). A partir, então, da articulação desses conceitos para um olhar holístico sobre a influência e consequência na/da socialização realizada na escola, inicia-se um processo de questionamento sobre a divisão sexual do trabalho, a “feminilização” da docência desacompanhada da “feminização” (YANNOULAS, 2011; CUNHA *et al.* 2020) e como as dinâmicas de sexo/gênero são reproduzidas e rompidas na prática docente.



Os usos e interpretações teóricas recentes de gênero carregam como ponto em comum “a afirmativa da construção social das distinções sexuais como forma de resgatar a produção cultural e histórica das diferenças sexuais e das relações entre homens e mulheres” (VIANNA, 2002). Para mais, a superação do modelo de distinção biológica que justificaria diferenças qualitativas entre homens e mulheres, visando à construção de novas formas de feminilidade e masculinidade, também estão presentes nas novas pesquisas sobre mulheres e a educação.

É a partir desse referencial político-teórico que esse relato de experiência irá abordar as tensões de gênero na vida pessoal e profissional na perspectiva de uma residente bolsista do Programa Residência Pedagógica, da Universidade Federal de Pelotas (2020-2022), levando em consideração os desafios e impactos da crise sanitária da pandemia de COVID-19 no Brasil e no mundo.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia qualitativa adotada através do relato de experiência apresentou-se como a melhor técnica científica de análise sobre reflexões que permeiam o ambiente escolar. Isso, pois, ao permitir que a autora explore a dinamicidade das relações de poder que constituem o espaço escolar, o relato mostra um ponto intermediário entre o diálogo – indispensável para a prática e teoria pedagógica – e a etnografia – técnica fundamental para as Ciências Sociais e, especialmente, a Antropologia - auxiliando os esforços para aliar pesquisa, ensino e extensão.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

*“Quando integrei o grupo do Núcleo de Filosofia e Sociologia do Programa Residência Pedagógica já tinha um arquétipo definido para a minha atuação como residente e professora: seria a residente/docente comprometida, com minhas convicções a respeito do que entendo como educação pública, gratuita e de qualidade, e, principalmente, não iria reproduzir os sacrifícios de minha mãe e de tantas outras mulheres que são induzidas a extrapolar suas obrigações como professoras, como parte da ‘vocação docente feminina’. Na minha inocência (ou arrogância), uma boa dose de coragem, autoestima, suporte teórico e ‘rebeldia’ seria o suficiente para delimitar o que seria trabalho e o que seria a sobrecarga imputada às mulheres pelas desigualdades associadas aos papéis de gênero.*

*Não se passaram mais do que duas semanas de regência e eu já estava trocando minhas noites pelos planos de ensino e de aula; usando os finais de semana para aprender novas metodologias e acompanhar o que professores e professoras estavam usando para driblar as dificuldades do ensino remoto; aliando os afazeres domésticos com horas e horas de edição de vídeos, podcasts e uma enorme quantidade de tecnologias no menor tempo possível; corrigindo atividades e respondendo e-mails em qualquer lugar e horário; ansiosa com os alunos e alunas que não tinham acesso, que estavam trabalhando e estudando, que não apareciam nas aulas, estavam doentes, passando por problemas...*

*Mas afinal, o que isso tem a ver? No início eu achava que nada disso fazia parte da rotina de ser alguém que está comprometida, apaixonada, encantada com a profissão. Bobagem. O nome disso, como bem nos lembra Silva Frederici é ‘trabalho não pago’. Como uma alma que tivesse parido 38 adolescentes, eu estava ‘maternando’ aquelas pessoas. Estava me consumindo pela minha decisão de ter escolhido uma profissão tão nobre que é ‘remunerada de amor’ pra abafar*



*reivindicações trabalhistas. E quando me dei conta disso, sofri triplamente. Primeiro pelo sentimento de traição a mim mesma, ao meu posicionamento de desromantização do fazer docente. Segundo, por achar que seria inevitável que minha construção como professora fosse jogada aos ‘guetos sexuais da carreira docente’ de Vianna. E, por último, por não saber e não querer deixar de ‘maternar’ minha turma.*

*Quando escrevo sobre ‘maternar’, estou escrevendo sobre a vontade de acolher, cuidar, tentar orientar sem punir. Mas também sobre a culpa, sobre as dores, sobre a exigência de se entregar até o limite por outrem, de apostar a saúde na vida de uma pessoa que talvez não se importe ou também não sabe como fazer isso. O ‘maternar’ aqui é ainda mais sofrido, uma vez que sequer o abraço está presente como reforço da construção imagética da ‘tia-professora-mãe’ por causa do contexto pandêmico em que (sobre)vivemos.*

*A pandemia nos colocou em uma situação de muitos conflitos, perdas, tristezas e nos escancarou o quanto nossos espaços, incluindo a escola, são ansiogênicos. Mesmo que me seja desagradável reconhecer isso, encarei esse cenário com o objetivo quase messiânico de tornar meus 50 minutos semanais de aula – alternadas em síncronas e assíncronas, o que significa que o contato direto é realizado de 15 em 15 dias – os melhores do dia deles e delas. Ou seja, tragédia existencial anunciada...*

*Afirmo sem pudor que se minha preceptora não tivesse me estendido a mão e me mostrasse que, parafraseando o poeta Caio Fernando Abreu, assim como o amor, nossa identidade docente não resiste a tudo, não. É jardim e enche de ervas daninhas que são jogadas para gerações e gerações de mulheres. ‘Hay que trabajar y trabajar, sabe?’. Mas trabalhar com saúde, amor, comprometimento e esperança freiriana, sem deixar de (lutar para) receber reconhecimento salarial compatível à imensidão de tudo isso.*

*Ainda me vejo dividindo espaço entre o lecionar e o ‘maternar’, mas ao menos me vejo livre da ‘culpa materna’. Sigo em meu processo de amadurecimento e sou grata por ele acontecer dentro da Residência Pedagógica, com minhas coordenadoras, com minha amada preceptora e minhas colegas e meus colegas – que conta com a presença do meu companheiro de vida, que considero um privilégio, já que sua perspectiva sobre os mesmos fatos é totalmente oposta, o que nos ajuda na autocritica e reflexão mútua e constante – e não em um espaço que talvez me alijasse do direito ao medo antes do salto necessário ao vôo”<sup>1</sup>.*

#### 4. CONCLUSÕES

Analisando a intersecções entre o relato e a produção teórica feminista de gênero, é possível constatar que mesmo em um cenário de ensino remoto, a sala de aula, para além do espaço físico, tem sido campo de disputa e de um contexto de perda para as professoras sob a ótica de gênero.

Essas segregações de sexo e gênero são estruturais e estruturantes, tornando-se “muletas” recorrentemente buscadas para constituir professoras e professores como seres pensantes e ativos na formação dos alunos e alunas. Essa prática é extremamente problemática, posto que, sem a intenção de superar a dicotomia que materializa na vida pessoal, esses “guetos sexuais na carreira docente” (VIANNA, 2002) fortalecem, também, o quadro de desencantamento com a profissão que atinge a educação de maneira indiscriminada.

<sup>1</sup> Relato de autoria da residente Raquel Peres Macêdo.



Ao retomar sua tese de doutorado, a autora afirma que as tensões entre vida pessoal e vida profissional não tem, necessariamente, uma relação causal “entre os significados masculinos e femininos tradicionais e tentativas de transformação desses valores”. A partir de entrevistas realizadas com professores e professoras, Vianna sustenta que:

Os significados inovadores do que é ser homem e ser mulher na vida privada não redundam necessariamente em ressignificações do masculino e do feminino no campo da configuração da identidade docente. Uma postura fortemente tradicional na vida privada pode se somar a um papel inovador na esfera da prática docente no cotidiano escolar. Assim, a socialização na vida privada não marca diretamente e permanentemente todas as significações do masculino e do feminino no campo da configuração da identidade docente (VIANNA, 2002, p. 94).

Por fim, “o peso dos significados tradicionais da masculinidade e da feminilidade” e as “tentativas de negar os padrões tradicionais de masculinidade e feminilidade” (VIANNA 2002), encaminham que as tensões de gênero na vida pessoal e profissional experienciadas por professoras, incluindo as que estão em formação como foi exposto no relato, são conflituosas, ambíguas, complexas e por vezes contraditórias, o que deságua na fluidez nas/das identidades docentes e no difícil equilíbrio entre a reprodução e a ruptura desses padrões de existência, fundamentados em gênero.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro, Polén, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla.2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

CUNHA, Patrícia Rodrigues Chaves da et al. Feminização e feminilização no ensino superior: um olhar voltado para a literatura. In: Ezequiel Martins Ferreira(Org.).

**Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021, p. 40-49.

PASSOS, Ursúla. “**O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago**”, diz Silvia Federici. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-eles-chamam-de-amor-nos-chamamos-de-trabalho-nao-pago-diz-silvia-federici/>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

VIANNA, Cláudia Pereira. O Sexo e o Gênero da Docência.In: **Cadernos Pagu** [online]. 2002, n. 17-18. pp. 81-103. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S01048332002000100003>>.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou feminilização? - Apontamentos em torno de uma categoria. In: **Temporalis**. Brasília, v. 11, n. 22, p. 271-292, 2011.